

Racismo em Portugal está "enraizado" e falta debate que tire país do estado de negação

observador.pt/2021/11/18/racismo-em-portugal-esta-enraizado-e-falta-debate-que-tire-pais-do-estado-de-negacao



O livro, editado pela Tinta da China, é apresentado esta quinta-feira no Museu do Aljube, em Lisboa, mas, em entrevista à agência Lusa, a coordenadora da obra adiantou que o livro não pretende ser uma compilação de casos de racismo em Portugal, mas antes dar ferramentas de análise **para um entendimento mais contextualizado e mais informado historicamente de como é que o racismo é reproduzido.**

“[O racismo] é reproduzido **nas estruturas do Estado, nas instituições e também na legislação**”, apontou a investigadora do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra, explicando que o próprio título pretende fazer um jogo com o duplo significado da palavra, entre o estado da questão, e o foco no Estado.

De acordo com Silvia Rodríguez Maeso, **“as políticas públicas continuam a reproduzir o racismo”**, seja no âmbito da habitação, educação ou segurança interna e, dentro desta última, nas políticas de policiamento.

Acaba por haver processos que são contraditórios porque há uma lei e quando algo acontece é muito comum dizer-se ‘então denuncia’, mas como é que vais denunciar quando a relação de muitas pessoas, afrodescendentes, Roma/ciganos, com as instituições do Estado é uma relação de violência, sentem-se desprotegidas”, questionou.

Silvia Rodríguez Maeso acrescentou que as políticas públicas “ao longo das últimas décadas têm sido reprodutoras de **processos de criminalização e de racialização**” e afirmou estar descrente na existência de uma vontade política para um “debate a sério sobre essas políticas públicas”.

No entanto, sublinhou, **o país mantém-se em negação quanto ao fenómeno, sustentado na construção de uma narrativa sobre um projeto colonial que foi “benevolente”** ou envolto no imaginário dos descobrimentos.

Isso faz parte de uma cultura política na qual está estruturada a identidade portuguesa e não se quer confrontar essa narrativa e portanto, no debate, estamos sempre como que a ir contra uma parede de negação”, disse a investigadora.

Deu como outro exemplo, o facto de “durante décadas” o país ter negado a força da extrema-direita em Portugal.

“E agora a realidade devolve-nos algo que se calhar não nasceu nos últimos anos e se calhar já há uma história bem forte da extrema-direita em Portugal que sempre se quis negar [porque] negando isso, negava-se o racismo”, defendeu.

A investigadora apontou que “não há uma receita única” para acabar com o problema, mas voltou a sublinhar que **“obviamente isto requer um debate público”**, apontando que “o facto de o racismo estar nas instituições demonstra que não há uma receita e que a via legal não é a solução”.

Para Silvia Rodríguez Maeso, há duas questões fundamentais, desde logo **o reconhecimento da existência do racismo e o fim do estado de negação em que o país vive** sobre esta matéria.

“O reconhecimento implica também ultrapassar formas dominantes de entender o que é o racismo, **que está muito ancorada na ideia específica de indivíduos específicos**, o racista, e que nos identificamos e nos quais ninguém se quer rever”, apontou.

De acordo com a investigadora, é preciso ultrapassar esta ideia preconcebida porque, independentemente da existência de responsabilidades individuais, **“o racismo está enraizado na sociedade e na ordem política** e não depende da ação de indivíduos específicos”.

Em segundo lugar, entende como fundamental que haja uma “agenda política que realmente esteja focada no combate ao racismo, **algo que na realidade não acontece”**.

“Não há uma agenda antirracista em termos de políticas públicas e que seja sistemática. Há pequenas ações, uma lei, mas que não tem fôlego”, defendeu.

No entanto, a investigadora admite que o debate sobre o tema já tem vindo a ser feito e já está a acontecer, **mas continua centrado nas organizações antirracistas e nas associações de defesa dos direitos dos migrantes**.

Entende, por isso, que os atores com poder têm de reconhecer a necessidade de haver esse debate, sublinhando que **“o antirracismo, como uma agenda realmente forte e central, não está no Parlamento”** e o tema não ocupa lugar central nos programas dos partidos políticos.

Defendeu também que a academia também tem de estar no centro do debate, mostrando quais têm sido as linhas de investigação e que conhecimento tem produzido e se tem alinhado ou não com a negação do racismo.

Tem de ser um reconhecimento com responsabilidade para se perceber qual tem sido a participação de todos nessa negação do racismo para não perpetuar as relações de desigualdade e injustiça”, sublinhou Silvia Maeso.

A investigadora afirmou que gostava que esta obra servisse para olhar de frente para as decisões tomadas ao longo dos anos e para a responsabilidade, defendendo que “uma discussão sobre o racismo é também uma discussão sobre justiça”.